

# ESCUA DE CRIANÇAS SOBRE A NATUREZA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

SUMÁRIO EXECUTIVO DA PESQUISA DE ESCUTA DE CRIANÇAS REALIZADA POR ANA CLÁUDIA LEITE E GANDHY PIORSKI EM SÃO PAULO (SP), PORTO ALEGRE (RS), BRASÍLIA (DF), RECIFE (PE) E BOA VISTA (RO), DE 2018 A 2020.



## Expediente

### **INSTITUTO ALANA**

**PRESIDENTE** Ana Lucia de Mattos Barretto Villela

**VICE-PRESIDENTES** Alfredo Egydio Arruda Villela Filho e Marcos Nisti

**DIRETORAS-EXECUTIVAS** Flavia Doria e Isabella Henriques

**DIRETORA-EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Marisa Ohashi

**TESOUREIRO** Daniel Costa

**DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO** Carlos Vieira Júnior

**DIRETORA DE ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO** Fernanda Flandoli

**DIRETORA DE ARTICULAÇÃO E EXPANSÃO** Mariana Mecchi

**DIRETOR DE POLÍTICAS E DIREITOS DAS CRIANÇAS** Pedro Hartung

**DIRETORA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA INFÂNCIA** Raquel Franzim

**DIRETORA DE PESSOAS E CULTURA** Renata Lirio

### **FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER**

**CEO** Michael Feigelson

**DIRETORA DE PROGRAMAS** Andrea Torres

**REPRESENTANTE NO BRASIL** Cláudia Vidigal

### **PROJETO DE PESQUISA ESCUTA DE CRIANÇAS**

**COORDENADORA-GERAL E PESQUISADORA** Ana Claudia Arruda Leite

**COORDENADOR DA METODOLOGIA E PESQUISADOR** Gandhi Piorski

**ARTICULAÇÃO COM PARCEIROS LOCAIS** Diana Silva

**REGISTRO AUDIOVISUAL E SONORO** David Reeks e Paulo Plá

**PRODUÇÃO EXECUTIVA** Belmira Produtora

**PRODUÇÃO LOCAL - RECIFE** Luciana Accioly

**PRODUÇÃO LOCAL - BRASÍLIA** Julia Hormann

**PRODUÇÃO LOCAL - PORTO ALEGRE** Leo Scott

**GERENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO** Carlos Vieira

**ANALISTA ADMINISTRATIVA** Keillane Feitosa Paiva

**SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA** Vilmara Nunes

## **SUMÁRIO EXECUTIVO: ESCUTA SOBRE A NATUREZA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

**COORDENAÇÃO** Pedro Hartung

**AUTORES** Ana Cláudia de Arruda Leite e Gandhi Piorski

**COLABORADORES** Danilo Farias e Letícia Carvalho Silva

**TRADUÇÃO** Andrea Marques e Daniel Pereira Maciel

**PROJETO GRÁFICO** Mariana Leme Barbosa

**REVISÃO DE TEXTO** Jádía Timm - Retraversa

**COLABORAÇÃO EDITORIAL** Fernanda Peixoto Miranda

**FOTOS** Produções das crianças participantes do projeto

**SUPERVISÃO GRÁFICA** Helaine Gonçalves



## **Parceiros institucionais**

### **BOA VISTA**

CENTRO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (CCTI)  
OBRAS SOCIAIS DO CENTRO ESPÍRITA EURÍPEDES BARSANULFO  
PRÓ INFÂNCIA  
PROJETO URBAN 95 BOA VISTA

### **BRASÍLIA**

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO  
CASA DE ISMAEL  
COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM DO PARANOÁ - CAP  
ESCOLA BILÍNGUE LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS  
INSTITUTO OCA DO SOL

### **PORTO ALEGRE**

APAE PORTO ALEGRE  
CEIA - CENTRO DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
EMEI PARQUE DOS MAIAS  
ONG RENASCER DA ESPERANÇA

### **RECIFE**

ARIES - GALERIA PORTOMÍDIA  
CENTRO CULTURAL DARUÊ MALUNGO  
MOVIMENTO PRÓ CRIANÇA  
USINA DO IMAGINÁRIO

### **SÃO PAULO**

ASSOCIAÇÃO LARAMARA  
BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO  
CCA PAULO VI  
COLÉGIO EQUIPE  
EMEI GABRIEL PRESTES  
ESCOLA AMORIM LIMA  
ESPAÇO ALANA

## **Agradecimentos - crianças participantes da pesquisa**

### **CRIANÇAS DE BOA VISTA**

Ana Clara Gibim Bento  
Artur Damasceno Ladislau  
Axel Cristiam Moura Coelho  
Benício dos S. Silva  
Caio Araújo da Silva  
Cauê dos S. Silva  
Dhanylo Fagner Paixão da Silva  
Luan Mecias Paixão da Silva  
Luiz Emanuel Gomes Gonçalves  
Mateus Daniel Bezerra Beltrão  
Mathias Benício Vitorino Araújo  
Pedro Guilherme Gomes Gonçalves  
Rayssa Santos Silva  
Sabrina Sousa Barros  
Tiffany dos Santos Rodrigues

### **CRIANÇAS DE BRASÍLIA**

Alessandro Diniz Govea  
Arthur Henrique S. Meireles  
Calebe da Silva Brito  
Danilo Gomes Galeno  
Gabriel Costa Pinhal  
Gabriel Pereira Soares  
Haron de Avelar Adnawe  
Izabely Cristoay Nascimento Silva  
Juca Alves Polejack  
Kauã Martiniano Mota

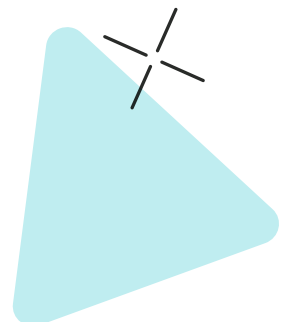
Kelly da Silva Soares  
Laura Gyovana Gomes Brasil  
Leandro Diniz Govea  
Maria Julia de Silva de Araujo  
Paola Oliveira da Silva  
Samuel Müller Ferreira Cortes  
Sophia Pontes Santos  
Sophia Rodrigues Atoides  
Thais Leite Dias  
Yasmin Gabrielly Marques da Silva

### **CRIANÇAS DE PORTO ALEGRE**

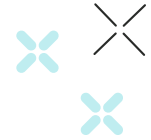
Alanna Nunes Lemos  
Brayan Rocha de Souza  
Emerson Diogo Carvalho  
Felipe Dias Nascimento  
Kênya Ferreira Pio  
Kiara Eloy Ribas  
Lavinia Goulart dos Santos  
Lucas Martins Oliveira  
Monike de Vargas de Moura  
Nathaly Ceabrilly Ouvildo Simão  
Pedro Adiles Rosa Perfeito  
Ramon Eloy  
Vander Gabriel Moreira

### **CRIANÇAS DE RECIFE**

Arielly Alves dos Anjos  
Ashilley Victoria Alves Barbosa  
Ayoka Lucia de Lima Smit  
Beatriz Ketylin Aparecida Farias de Souza  
Brayam Manoel Menezes do Nascimento



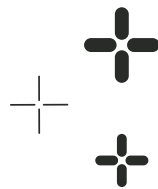
Cecília do Rêgo Ferreira Lima  
Davi Pereira da Costa Roque  
Esthefany Vitória Bezerra da Silva  
Flavia Kaline Fortunato da Silva Pereira  
Isa de Andrade Lima Anderson Porto  
Izabelle Vitória Sales de Andrade  
Kayo Henrique Lima da Silva  
Letícia Íris Menezes do Nascimento  
Lindauria Fernanda da Silva Barros  
Lucas Henrique Ferreira da Silva Santos  
Matheus Fernandes de Oliveira  
Pedro Campelo Lapa  
Ramon Victor de Araújo Ibiapino  
Raniely da Silva Souza  
Vinicius Oliveira Felix  
Wanderson Luiz Sales Barreto  
Yasmin Caroline Ferreira da Silva



## **CRIANÇAS DE SÃO PAULO**

Alice Vasques Aldado  
Ana Luiz Jesus de Santana  
Anabella de Paula Teisen  
André Michima Deblire  
Davi Pereira da Silva  
Estela I. Alves de Lima  
Gabriela Queiroz Nunes  
Guilherme Rodrigues da Silva  
Isabelly Silva Santos  
Julian Grota Salomão  
Kauan Duarte Pires  
Kauan Henriques Tavares Monteiro  
Kayllany Layanny Lopes Lima

Kryslanny Liandra Lopes Lima  
Laura Poltronieri Jurcovichi Costa  
Luanna Müller Rodrigues  
Sarah da Hora Coimbra  
Sebastião da Silva Dojcsar Landim  
Theo Pantrianne Chikhani Massa  
Yasmin Souza Nascimento

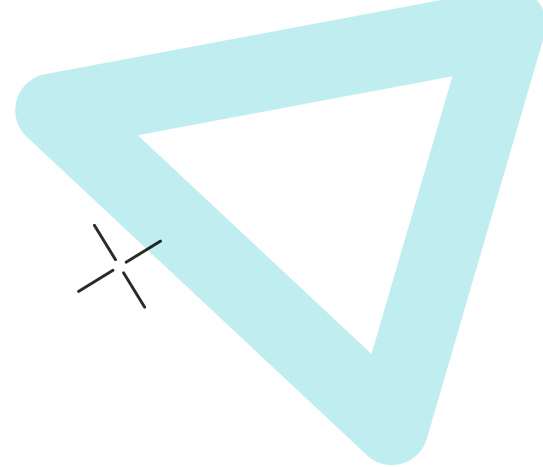




# Índice

<b>1. Apresentação</b>	10
<b>2. Escuta sensível de crianças sobre temas complexos</b>	13
<b>3. Natureza e mudanças climáticas: a importância da materialização das perguntas no cotidiano das crianças</b>	16
<b>4. Sobre a proposta interpretativa e o exercício de categorização das produções</b>	18
<b>5. As narrativas e produções das crianças sobre natureza e mudanças climáticas</b>	22
5.1 Teia da vida	22
5.2 Retorno ao primitivo	26
5.3 Drama geológico	31
5.4 Drama ético	36
<b>6. Considerações finais</b>	40
<b>Notas</b>	43
<b>Anexos</b>	44





## 1. Apresentação

Este documento é fruto da pesquisa de escuta de crianças, realizada de 2018 a 2020, por Ana Cláudia de Arruda Leite e Gandhy Piorski<sup>1</sup>, com o apoio do Instituto Alana<sup>2</sup> e da Fundação Bernard Van Leer<sup>3</sup>. O ponto de partida deste trabalho foi o interesse do Instituto Alana em considerar a perspectiva das crianças acerca do impacto das mudanças climáticas em suas vidas e nas futuras gerações. Somado a isso, a Fundação Bernard Van Leer viu como oportuno escutar crianças acerca da cidade, em especial a sua relação com o brincar ao ar livre e a mobilidade nos municípios de atuação do Programa Urban 95<sup>4</sup>.

À luz do artigo 227 da Constituição Federal, que determina que os direitos e o melhor interesse de crianças e adolescentes possuem prioridade absoluta, e da premissa de que crianças são sujeitos de direitos e produtoras de cultura; as oficinas de escuta foram realizadas com o propósito de escutar as infâncias sobre temas complexos de um modo que respeite sua condição peculiar de desenvolvimento e suas diferentes linguagens e perspectivas.

A pesquisa foi realizada em Porto Alegre (Região Sul), São Paulo (Região Sudeste), Brasília (Região Centro-Oeste), Recife (Região Nordeste) e Boa Vista (Região Norte). Em cada município buscou-se parceiros locais, tanto para encontrar espaços adequados, quanto para compor grupos heterogêneos de crianças de 4 a 12 anos, garantindo

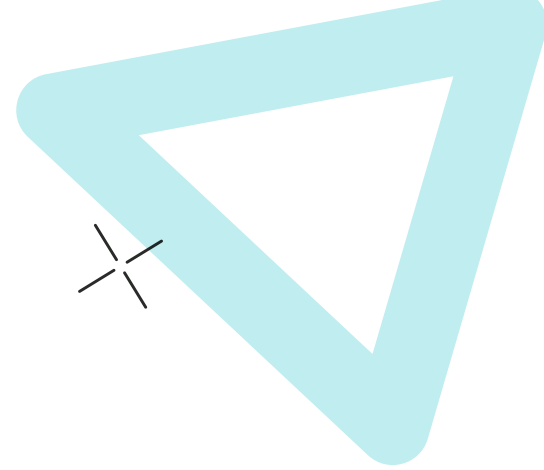
a diversidade a partir da idade, do gênero, da condição socioeconômica, étnica e racial, bem como crianças com deficiência física ou intelectual. Cada grupo teve, assim, uma composição diversa não apenas no perfil, mas por serem oriundas de diferentes instituições, como escolas (públicas e privadas), organizações do terceiro setor, espaços culturais e instituições voltadas à educação inclusiva.

O processo de escuta foi realizado por meio de oficinas de múltiplas linguagens, desenvolvidas em dois formatos: imersiva em dias consecutivos, com quatro encontros de três horas, totalizando 12 horas, e aprofundada, com intervalo de uma semana entre dois ciclos de quatro encontros cada um, totalizando 24 horas. Em cada município foi criada uma parceria institucional para apoiar o projeto com a cessão do espaço, infraestrutura das oficinas e acolhimento dos adultos acompanhantes.

A escuta realizou-se a partir de metodologia autoral, desenvolvida exclusivamente para esta pesquisa, na qual o compromisso central era criar condições para uma escuta sensível e ética das infâncias. Essa metodologia foi sistematizada e pode ser conhecida com mais profundidade na publicação *“Por um método de escuta sensível das crianças”*<sup>5</sup>, e propõe um processo de escuta estruturado em seis dimensões: 1) Mapeamento do grupo de crianças; 2) Espaço amigável; 3) Ambiência pedagógica; 4) Atividades e materiais de qualidade; 5) Registro e organização das produções das crianças; e 6) Leitura e interpretação da escuta.

Como resultado das oficinas de escuta realizadas nas cinco regiões do Brasil, tem-se um amplo acervo, composto de produções de crianças com diversos materiais, áudios, fotos, vídeos e registros de bordo, bem como um relatório técnico no qual há a análise interpretativa dos temas abordados na pesquisa.

Este sumário executivo tem como foco as produções e narrativas das crianças que dialogam com a questão ambiental, como as mudanças climáticas e a poluição. Visa dar voz às perspectivas infantis, contribuindo para um *advocacy* e atuação social que considerem as crianças nos processos e temas que lhes dizem respeito, garantindo-lhes, assim, o direito à participação e a serem honradas em primeiro lugar.



## 2. Escuta sensível de crianças sobre temas complexos

No Brasil, o artigo 227 da Constituição Federal determina que os direitos e o melhor interesse de crianças e adolescentes possuem prioridade absoluta, de modo que devem ser respeitados e efetivados em primeiro lugar. Para viabilizar a garantia da absoluta prioridade, criou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, que reconhece a condição peculiar de desenvolvimento, característica da infância e da adolescência, e justifica a proteção especial e integral que devem receber do Estado, da família e da sociedade.

A condição peculiar de crianças e adolescentes como pessoas em desenvolvimento implica em um respeito e cuidado com as particularidades dessa fase da vida, sem, contudo, negar às crianças o direito à participação. Conforme bem evidencia o artigo 12 da Convenção dos Direitos das Crianças, o direito à participação se efetiva à medida que as especificidades da infância, e em relação à idade e às condições cognitivas e emocionais, são asseguradas. Mesmo quando os temas são de alta complexidade, como as mudanças climáticas - um dos objetos da escuta realizada nesta pesquisa -, as crianças podem e devem ser consideradas, uma vez que são temas que lhes dizem respeito, impactam sua vida e das futuras gerações. Ademais, a defesa e a preservação do meio ambiente ecologicamente equilibrado,

essencial à sadia qualidade de vida das crianças, é um direito fundamental, previsto no artigo 225 da Constituição Federal. Inclusive, vale ressaltar que nos últimos anos, o protagonismo infantojuvenil tornou-se notável para a agenda climática no mundo. Crianças e adolescentes têm se engajado em mobilizações e procurado contribuir para resolver litígios climáticos, fortalecendo a incidência da pauta nas mídias e em ações incisivas junto a lideranças políticas e a governos locais.

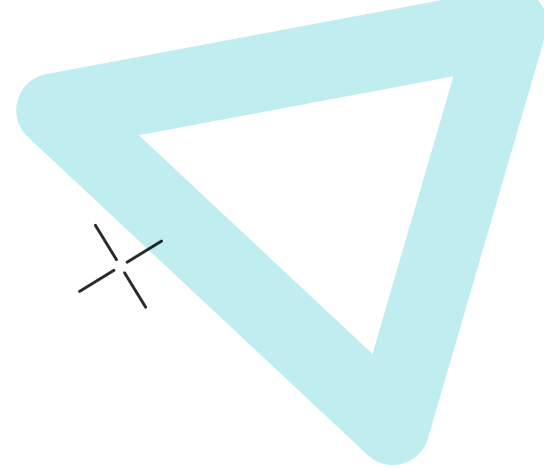
O propósito de ouvir e incluir as vozes das crianças deve, necessariamente, estar condicionado ao compromisso de honrar a infância, garantir seus direitos e o seu melhor interesse, salvaguardando-as de processos que emulam, constroem ou até reproduzem situações de sofrimento. Sobretudo acerca de temas complexos e multifatoriais, que envolvem diferentes âmbitos como social, econômico, político, ambiental, é preciso cuidado para que em nome do direito à participação não se conduza iniciativas que se baseiam em concepções, narrativas e atividades que são próprias do mundo do adulto, mas inadequadas à condição peculiar de desenvolvimento das crianças, prejudicando não somente as crianças implicadas, mas o próprio entendimento e o *advocacy* na área.

Crianças precisam ser consideradas não apenas por serem sujeitos de direitos, mas porque a humanidade ganha ao escutar as novas gerações. A infância tem uma perspectiva e contribuição singular aos desafios, individuais e coletivos. A imaginação e o pensamento sincrético trazem outras possibilidades de relação e de entendimento da vida. Assim, considerar os dizeres das crianças em temas complexos, ou que sejam tocantes a elas, passa por um exercício contínuo de uma escuta sensível, que permite respeitar e alcançar com mais êxito o lugar de fala, as linguagens e as peculiaridades de expressão e de existência das crianças. Cabe ressaltar que, nesta

pesquisa, entende-se também por temas complexos aqueles que dizem respeito às relações vitais que o ser humano cria, sustenta e aprimora na sua relação com o mundo.

Considera-se que a escuta a partir de temas complexos não pode constranger, limitar ou modular as expressões e linguagens das crianças. Também precisa cuidar para não as expor a assuntos, conteúdos e linguagens que não lhes são pertinentes e condizentes à sua condição emocional e cognitiva, antecipando precocemente entendimentos ou contextos.

Outro ponto importante é que a forma pela qual as crianças se expressam sobre temas complexos é uma chave importante nesta abordagem de escuta. Pois a escuta, aqui, dispõe-se a perceber o outro em sua singularidade. Assim, quando as crianças falam de temas complexos, elas acionam, inexoravelmente, os recursos de seu mundo imaginário. O mundo conceitual adulto não tem plástica suficiente para comportar os sentimentos dotados de grande energia anímica, energia psíquica, energia espiritual (existencial) que eclodem desses temas na vida das crianças. No tempo da infância, esses temas se movem inconscientemente. Desse modo, só se expressam de forma simbólica. Assim, recorre-se a temas mais amplos e que dialogam com a infância, como a natureza, ao invés de abordar diretamente as mudanças climáticas. Também se recorreu à plasticidade imaginária para acolher as crianças em seus lugares de fala e linguagens.



### **3. Natureza e mudanças climáticas: a importância da materialização das perguntas no cotidiano das crianças**

Nas oficinas de escuta realizadas nas cinco regiões do Brasil, havia dois temas a investigar-se. O primeiro, sobre mudanças climáticas e, o segundo, sobre a relação das crianças com a cidade, em especial com o brincar ao ar livre e com a mobilidade.

O compromisso assumido pelos pesquisadores foi fugir dos clichês e das respostas prontas, que necessariamente surgiriam se fossem feitas assembleias e fóruns de crianças, evocando problemas sociais, naturais e urbanos. Ao se trazer as crianças para um fluxo pragmático de pensamento, almejando que falem a partir dos problemas elaborados e definidos pelos adultos, corre-se o risco de arrancá-las de suas trilhas mágico-reflexivas para estradas pavimentadas de dados prévios.

Assim, nesta abordagem, decidiu-se por não trazer os temas a partir de conceitos e definições nem com uma abordagem muito específica. Um tema circunscrito conduz e induz respostas, mascara a percepção, impõe resultados. O que as crianças entendem sobre mudanças climáticas, na maioria das vezes, advém das matérias escolares sobre educação ambiental ou de informações veiculadas

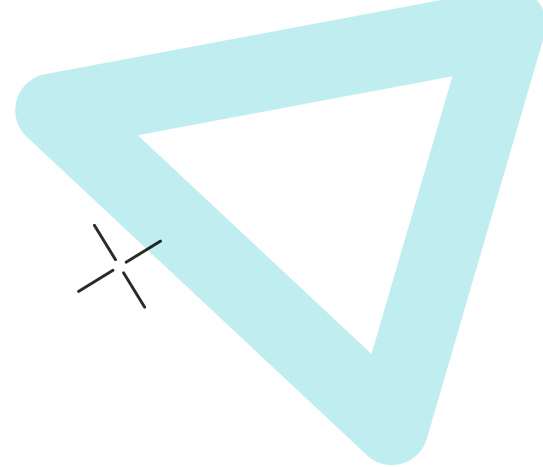


nos meios de comunicação. Informações fragmentárias, notícias, conversas dos adultos.

No entanto, por trás do conceito de “mudança climática”, existe a natureza. Uma poderosa imagem que desperta muitas possibilidades no ideário idílico das crianças. Por essa ilustração de sentimento coletivo, mais facilmente concretiza-se o propósito de respostas nas crianças, em seus sentimentos de fundo, em seus temores sobre o que lhes chega de ameaça à existência. Desse modo, suas impressões sobre eventos climáticos extremos, movimentos migratórios, grandes inundações, escassez e severas secas podem ser captadas dentro do grande tema natureza.

A natureza é algo afetivo, íntimo, farto de interesses, temores, curiosidade, especulações, hipóteses. Está muito perto e muito longe, é muito pequena e muito grande, é diversa e única. Verdadeiramente, é uma imagem criadora para a criança e desperta sua curiosidade investigativa.

Buscou-se, assim, nas oficinas de escuta, os elementos fundamentais que estão alicerçando a vida das crianças, a formação de seus princípios, seus valores coletivos e seus sentidos de individualidade a partir dessas questões ligadas à continuidade da vida na terra (natureza), suas relações sociais e comunitárias (cidades).



## 4. Sobre a proposta interpretativa e o exercício de categorização das produções

Catalogar e organizar as produções das crianças e os registros em imagem, áudio, vídeo e texto é um passo imprescindível para a etapa seguinte de sistematização e análise da escuta. Dependendo da quantidade de atividades, do grupo e da duração da oficina, pode-se ter ao final do processo um acervo extenso, que requer uma organização antes, durante e após o processo de escuta. Identificar todas as produções e digitalizar o acervo facilita a leitura do material, bem como seu uso em documentos e outros suportes. Transcrever as narrativas orais das crianças também amplia as possibilidades de acessar uma maior profundidade das palavras ditas e dos tons das expressões, o que traz pistas para a etapa posterior, de interpretação e análise.

Em um exercício interpretativo existem níveis de aprofundamento que podem chegar a complexas conexões simbólicas, associando o imaginário das culturas com padrões de personalidade, usando paralelismos e mitologias comparadas entre outros recursos. Não foi a proposta desta pesquisa atingir essas camadas de análise, mas sim trabalhar com elementos claramente identificáveis nas produções das crianças, que não exigem conhecimentos técnicos baseados na psicanálise, ou de estudos do inconsciente, ou mesmo da cultura mitológica e simbólica.

Os apontamentos interpretativos se propõem a despertar para um modo de ler o material que requer um esforço de síntese das narrativas e de busca de temas que emergem das próprias produções infantis. Tais temas podem, inclusive, significar as ausências, invisibilidades, carências ou aspectos que poderiam ser manifestos, e não o foram.

Partiu-se do pressuposto de que toda produção que tenha como base a linguagem visual ou sonora, de natureza estética, possui pontos de força de expressão, centrais e periféricos, que podem ser portas de entrada para o sentido essencial daquilo que se desvela no trabalho. Posto isso, dois parâmetros sustentaram a proposta interpretativa nesta pesquisa, um colaborando com o outro. São eles:

- 1.** Leitura visual dos grafismos e das formas que as crianças apresentaram. O exercício de encontrar os pontos com maior energia de expressão.
- 2.** A narrativa oral da criança sobre o trabalho realizado. Esse elemento, quando a documentação do trabalho é bem organizada, é primordial para a leitura e interpretação do material. Pois com a narrativa da criança não será necessário grandes repertórios nem tanto treino na leitura dos códigos das obras. Chega-se mais rápido no cerne da expressão.

É um exercício de percepção associado ao sincero respeito ao material, entendendo-o como uma linguagem viva, legível, crível, pulsante de significados, recheado de temas caros à sociologia da infância, ao estudo dos corpos na contemporaneidade, às noções de temporalidade, ao senso comunitário, ao trabalho, à tecnologia e ao futuro da vida na terra.

Assim, optou-se por discutir os principais assuntos emergentes das atividades e demonstrar com exemplos de desenhos, objetos,

massinhas, histórias criadas e descrição das obras, como foram identificados esses temas.

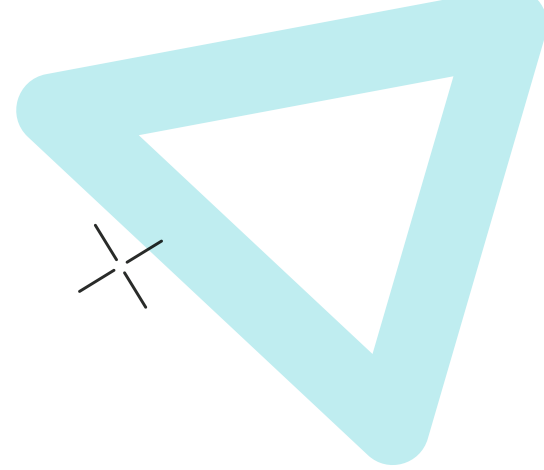
Sobre o grande tema natureza e mudanças climáticas, identificam-se quatro grandes eixos temáticos. O primeiro, “Teia da Vida”, agrupa uma série de produções infantis que trazem uma narrativa sistêmica. Produções que expressam uma relação de interdependência nos acontecimentos, de conectividade entre os fatores narrados e os sentimentos ali contidos, das causas e consequências de um conjunto de ações, ou até mesmo da estreita relação dos elementos da paisagem desenhada, os quais foram agrupados em torno da ideia de teia. Considera-se que esse foi um pressentimento das crianças nascido de nossas provocações.

O segundo agrupamento partiu da percepção da constante presença nas produções do ideário de retorno radical aos estágios primitivos da civilização. Os adormecimentos coletivos, as destruições em massa, o comprometimento das fontes de energia, as arcas salvíficas, o reinício depois de catástrofes; essas e tantas outras narrativas de recomeço foram organizadas em torno do tema “Retorno ao Primitivo”.

Outra assunto que continuamente surgiu entre as crianças foi o ideário de que as ameaças ou transformações, as mudanças para melhor ou pior, não viriam dos seres humanos nem dos seres naturais da terra, mas sim do próprio planeta e sua reorganização geológica, ou até de fora dele, advindo do sistema solar e do cosmos. Essas produções foram agrupadas em torno do terceiro tema, “Drama Geológico”.

Por fim, o quarto eixo temático diz respeito à direta responsabilidade do ser humano nas consequências negativas e positivas do estágio social e planetário em que se vive. Essa temática, das mais recorrentes nesta pesquisa, apontou de forma contínua a sensibilidade das crianças para a noção de alteridade e empatia. De modos diversos,

utilizando-se de fartas projeções simbólicas, elas demonstraram a fragilidade, o comprometimento e o esgarçamento de nossas ações, como pessoas, em relação aos nossos semelhantes e aos outros seres do mundo natural. Essas composições foram reunidas sob a temática do “Drama Ético”.



## 5. As narrativas e produções das crianças sobre natureza e mudanças climáticas

Em torno dos quatro eixos temáticos elaborados na pesquisa, são apresentados a seguir alguns exemplos das narrativas e produções das crianças que compõem o acervo da pesquisa de escuta realizada por Ana Cláudia e Gandhy.

### ✕ 5.1 Teia da vida

Um menino de São Paulo, de 7 anos, fez o seguinte desenho (Figura 1): uma aldeia, um monstro, seus dois melhores amigos, ele próprio, espadas, arcos e flechas e um abismo. Ele junto ao amigo (lado direito), com uma espada na mão, os dois acucados na ponta do abismo, prestes a cair. Ele diz: “se andar muito pra beira, a ponta da rocha quebra e cai”.

O monstro é uma raiz que contamina as outras raízes e as transforma em mutantes. Diz ele: “A gente tá contra um monstro contagioso, tipo, se gruda em alguma coisa, uma raiz que foi infectada, a coisa vira um mutante. Ele conseguiu infiltrar nas raízes das outras plantas e fez com que elas virassem mutantes. Ele mata pegando você pela

raiz e te enforcando pela raiz... eu tô com a espada na mão lutando com o monstro que começou a contagação... e também dá pra contagiar qualquer coisa, tipo essa lua aí... virou monstro também... ele está contaminando tudo... como essa lua que também tá virando mutante... nascendo um tentáculo dela”.



O problema é estrutural, o contágio está na base das coisas e se propaga em tudo. “Ele mata pegando você pela raiz”, diz o menino. Observa-se que seu corpo e o corpo dos dois amigos são finos. Também os traços que compõem as choupanas das aldeias são finos, espécies de vareta. As estrelas são finas. Todos esses elementos um pouco parecidos com as raízes da parte inferior do desenho. Assim como a situação de acuados na beira do precipício é muito frágil, limite.

Já as raízes mutantes na superfície da terra são todas robustas, como o monstro, semelhante à lua contaminada, semelhante à flor. A flor no desenho é mais robusta que o menino e seus amigos. O

que ainda não foi contaminado no desenho, não sofreu mutação, é mais frágil, magro, pequeno, inclusive as estrelas.

As coisas se propagam em rede, reverberam no conjunto da vida, nada escapa, pois tudo está interligado. Há uma iminência que é de natureza estrutural, abala a sustentação das coisas. Esse é um desenho que denota um grau de tensão, de angústia, na percepção de uma criança. Sua espada é bem maior que ele, com traços mais escuros e marcados, com ângulos pesados. Um fardo, um peso.

Outro exemplo, ainda denotando a ideia de teia, é de um menino de Boa Vista, com 8 anos, em uma atividade onde lhe foi pedido para desenhar a natureza, a si próprio e os quatro elementos (Figura 2). A atividade sempre teve a intenção de evocar pensamentos elementares sobre a natureza. Como as crianças se veem nela ou em relação a ela. Ele sintetizou seu desenho com o título “Vida”.





Diz ele: “O meu desenho se chama vida. A natureza é um tipo de vida. Eu estou aqui sentindo um ser livre. Tem vento, o sol, e uma ‘garçazinha’, improvisei um pouquinho, e esses peixes também. E tem água também. Tudo isso representa uma vida e vários elementos”.

Pode-se observar que ele está de costas para nossa visão, mas de frente para a profundidade da paisagem. Ele não deu tanta importância ao seu autorretrato, apenas se entregou. Houve, durante todo o projeto, mais uma criança que se retratou de costas, mas como uma forma de protesto e negação diante de uma situação. Aqui, ele claramente se expande para a vida, entende-a como um todo, “uma vida”, no entanto, com “vários elementos”.

O ar, esse elemento de abertura, é predominante em quase todo o papel. Na terra, onde o menino se encontra, o símbolo mais ao centro também é o ar, em forma de “garçazinha”. Ele não se contentou em fazer os quatro elementos e a si próprio, conforme lhe foi pedido. Na verdade, fez cinco elementos. Pois, integrado ao fogo, à terra, à água e ao poderoso ar, está ele. Ele é mais um elemento da natureza. A pista para essa percepção está na recorrente presença do número cinco no desenho. Há cinco peixes na água, cinco pássaros, quatro acima das nuvens e um pousado, a “garçazinha”, e cinco traços abaixo das nuvens que representam o vento.

Há uma ideia de interligação da paisagem pelo número cinco. Uma percepção de integração. A vida é uma só, dentro de inúmeras variáveis. Parece que a criança busca dizer: mesmo que meu corpo ainda traga marcas de inabilidade, mesmo que meus braços sintam o peso em se expandir (braços grossos e pesados), eu me expando, eu me esforço para pertencer a tudo isso, que é a natureza.

## ✕ 5.2 Retorno ao primitivo

Um dos aspectos dessa temática de retorno ao primitivo é o das destruições em massa ou privações extremas. Para se proteger das catástrofes, muitas crianças construíram abrigos, naus de morada - espécies de arcas de Noé -, representaram formas de caça e sobrevivência após inundações, calor extremo e o aquecimento da terra. Importante ressaltar que esses temas não foram provocados nas crianças. Eles nasceram espontaneamente ao evocar-se o tema “natureza”.

Na Figura 3, pode-se ver uma torre de sobrevivência e de manutenção da vida. A torre foi construída numa atividade coletiva, em São Paulo, em que o direcionamento era: *imaginem e construam como será a vida daqui a cem anos*. Em quatro mesas, quatro diferentes grupos construíram suas representações. O segundo comando dado foi: *criem um sistema de comunicação entre sua própria construção e o restante das construções dos outros grupos*. A ideia de comunicação foi problematizada pelos pesquisadores de diferentes formas. Algumas perguntas abertas foram feitas, tais como: *Como será a comunicação daqui a cem anos? Quais são as formas possíveis de comunicação?*

Essa torre é a construção de um dos grupos. Três crianças, dois meninos e uma menina, participaram. Apenas dois deles narraram. Diz o menino: “A torre Eiffel do futuro! Uma antena liga com vários países. Tem as cabines onde a gente detecta as guerras, quem está sendo invadido”. Diz a menina: “Uma antena cósmica que representa todos esses países que estão aqui à nossa volta”. Continua o menino: “Uma antena global, universal, essa torre tem tudo o que nosso planeta precisa, por exemplo, árvores, água, casas, fogo, presidentes melhores”. Diz, então, a menina: “o fogo ajuda a acender os fornos em casa”.



Começaram a chamar as mesas, com os outros trabalhos dos grupos, de continentes. Disse, o menino, sobre sua construção, a qual chamou de Brasil: “O Brasil foi, então, mais antenado, mais equipado que os outros países, vários continentes, Europeu, Oceania, África e América”. A menina intervém e acrescenta: “Esse é um continente ainda pior, esse é um continente de destruição e guerras intergalácticas. Porque as guerras intergalácticas estão destruindo essa base aqui, do continente da natureza”.

A narrativa ainda se desenrola por longos caminhos, vai às galáxias, ao universo dos universos – segundo eles existem muitos universos –, e volta para o que eles chamaram, por fim, de “base internacional do Brasil”. Concluem com o sentimento heroico do dever cumprido. Diz o menino: “Então essa é a torre principal, se ela for desligada das outras, infelizmente só vai proteger dois continentes. A do Brasil é a mais forte de todas as torres (...), somos os guardiões do universo (referindo-se a seus companheiros de invento). Um dia ela foi destruída e nós a reerguemos, porque nossos antepassados não conseguiram guardar”.

A torre é uma espécie de arca. Contém tudo. Fogo, presidentes melhores, árvores. É um celeiro de possibilidades de perpetuação da vida. Um artefato concêntrico, nuclear, que abriga as possibilidades de sobrevivência. Uma base criadora, de lá vem a semente do futuro. Os principais genes estão preservados para perpetuação. Num mitologema biológico, é o próprio código DNA. Num mitologema religioso judaico-cristão, é Noé, seus filhos e exemplares possíveis para a continuidade da vida na Terra.

Fica nítida a narrativa de um estado anterior, primevo, nascido de um cataclismo, de uma mudança de rota na vida. Um estado que se mantém em guarda, em adaptabilidade, sobrevivendo a uma grande

transição. Um regresso à latência, ao menor esforço para sustentar a possibilidade de mais perdas e, ainda assim, de atividade, de prontidão para socorrer, para garantir a manutenção.

Evidencia-se um símbolo de adaptabilidade e economia de forças, pela perpetuação da vida, pela sustentação da natureza, num momento conflituoso, de transição, em que “os antepassados não conseguiram guardar”, em que as “guerras intergalácticas estão destruindo o continente da natureza”. Esse regresso à fonte é um retorno ao primitivo, à necessidade de reiniciar, de regenerar a vida. Onde os antepassados fracassaram, “um dia ela foi destruída e nós reerguemos”, e quem recuperou foram as gerações novas, as crianças. Assumiram a responsabilidade de minimizar os danos, de garantir o seguimento.

Aqui o peso recai sobre a necessidade de decidir pelos outros, de reconstruir o que foi abandonado. No entanto, a proposta singular trazida é retornar a um metabolismo simples, que consuma pouco e esteja preparado para atuar nas emergências, ajudando, apenas, com o necessário para manter a vida. Um pensamento de núcleo, biomimético, que volta sobre si mesmo, formula uma cápsula que é ao mesmo tempo cofre de tesouros, torre de guarda e distribuidor de ajuda. Essa função de adaptabilidade provém – nos tempos extremos de mudanças na natureza – das informações mais primitivas, matriciais da biologia, para que a espécie prossiga viva.

Já em Recife, em outra imagem de regresso, um menino de 8 anos criou um canhão (Figura 4). Numa atividade dirigida, fez-se a seguinte provocação: *está acontecendo algo no planeta Terra, mas não sabemos o que é. Vocês precisam criar alguma coisa que descubra o que se passa e traga respostas, soluções.*



O menino então criou uma arma de sono. A guerra era o problema. Ele então desenvolveu o “canhão que lança uma bomba de gás e todos dormem em paz”. Talvez esse, de todo acervo, tenha sido o símbolo mais radical usado para solucionar os problemas que afligem a Terra e a humanidade – a possibilidade de adormecimento, de morte temporária, de repouso e inconsciência na esperança de um tempo novo. Retornar ao fundo geracional, à origem amniótica, ao sono uterino, foi a possibilidade encontrada pelo menino que só viu guerras e violência assolando a Terra.

Seu canhão que lança bomba de gás sonífero é uma espécie de vaticínio da bruxa que fazia todo o reino dormir quando a princesa picasse o dedo na roca. Só o futuro, depois de longo adormecimento, com a chegada de um valor primordial, principesco, dos princípios, o reino voltaria à vida. Seu canhão traz uma ponteira vermelha, lugar de onde sai o gás, e aponta para o retorno pré-consciente, o

estágio iniciante, para os primeiros aprendizados, a reorganização dos valores, a suspensão do movimento desordenado e destruidor.

Ele encontra uma saída extrema. Denota um sentimento, uma percepção da complexidade e emaranhamento das relações, do extravio e adoecimento do planeta protagonizado pelos seres humanos. Tal modo de degeneração e ação desenfreada precisa ser contida, o melhor é parar tudo abruptamente, pois, assim, como anda, não mais é possível solucionar. O torniquete para estancar a sangria é o coma coletivo, o sono paralisante. O diálogo, os tratados de paz, os humanismos, os acordos entre os povos, nada disso funciona. Os armistícios não são mais confiáveis.

### **5.3 Drama geológico**

Para algumas crianças, os problemas ambientais vividos na Terra não são obra humana, mas da própria natureza. Consideramos importante esse tema, pois se coaduna com uma tendência de pensamento científico que trata de colossais movimentos geológicos modeladores do clima, da geografia, da vida vegetal e animal.

Para um menino de Boa Vista, de 9 anos, algo está acontecendo no planeta. Para desvendar o mistério, ele criou uma “arma de micro-organismos” (Figura 5). Diz ele: “Ela coleta a energia e o calor do Sol que transforma em micro-organismos, que eles são disparados pro espaço, que eles ajudam a descobrir o que está acontecendo com o planeta Terra... e se tem outras vidas, inteligência alienígena”. Diz ele: “Descobri que tem outro planeta perto demais... é uma coisa com a atmosfera... perigosa... se chegar perto demais pode quebrar a atmosfera”.





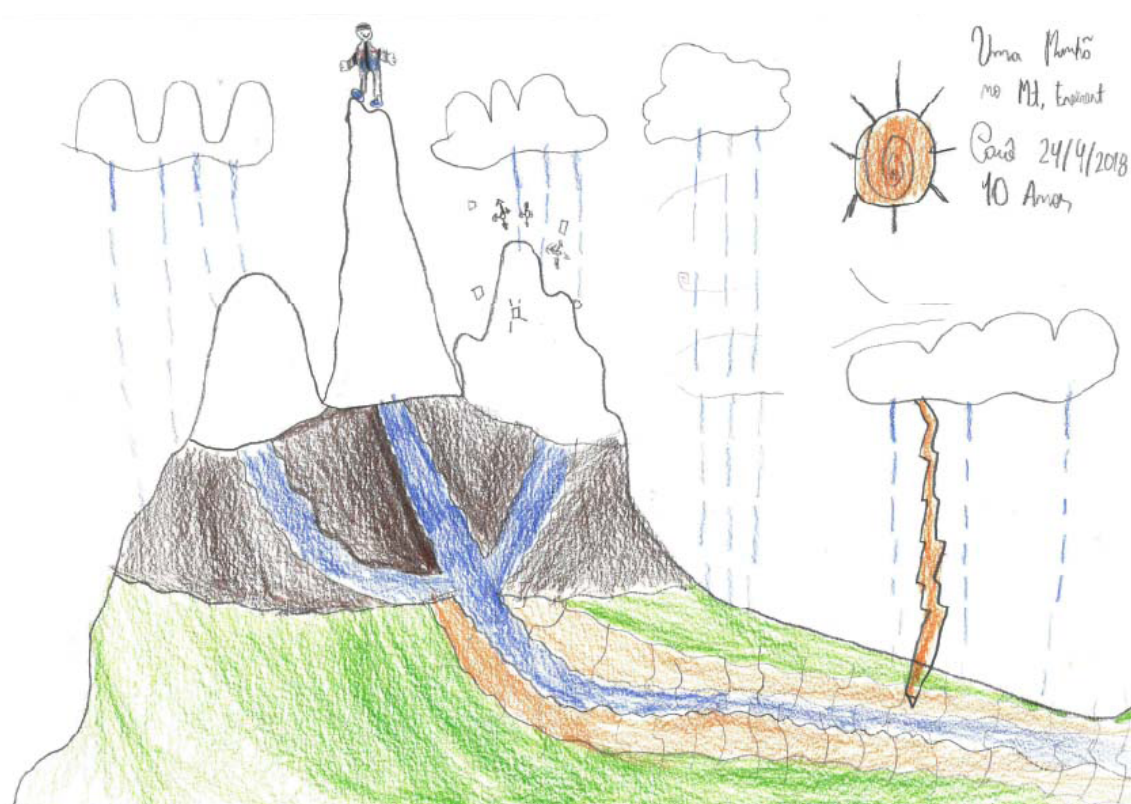
Essa imagem criada pelo menino tem relação com o tema abordado anteriormente sobre a teia da vida. É um olhar estrutural, diz respeito a um todo interligado, mas aqui tem a especificidade de não atribuir esse problema ao comportamento humano, e sim ao movimento dos planetas.

Seu invento busca vida inteligente fora da Terra. Busca possibilidades de saída, possibilidades de contato, de ampliação dos horizontes para uma situação tão frágil, a ameaça de ruptura da atmosfera por uma colossal força da natureza.

Em São Paulo, uma menina de 7 anos fez um planeta (Figura 6). Diz ela: “Fiz o planeta Terra. Ele tá se acabando porque o Sol bateu... os dois se bateram, aí o planeta ficou vermelho e só”. Aqui o mesmo tema é o choque entre o Sol e a Terra e a consequente destruição do planeta. Nesse caso, a Terra foi totalmente destruída, não era só um perigo.



Em Boa Vista, um menino de 10 anos fez o Monte Evereste (Figura 7). O desenho demonstra um intenso movimento geológico lá embaixo, na Terra. O menino se fez lá em cima, no pico do monte, sobre as nuvens. As nuvens lançam chuva, granizo e raios. Sob a terra correm rios do derretimento da neve do Evereste e corre também fogo. O tema do fogo inquieto, vulcânico, apareceu em diversos desenhos.



Também é possível perceber no desenho de um menino de Porto Alegre, de 12 anos, o movimento vindo do espaço e atingindo a Terra em forma de asteroides (Figura 8). É calórico, novamente o fogo como força de instabilidade. Muitos desenhos com fogo em expansão, em descontrole, ou muitos sóis, trazem o tema do aquecimento da Terra indiretamente. Como algo sentido pelas crianças. Uma ameaça que elas pressentem ou reconhecem, mas não tratam diretamente de forma discursiva, ou elaboram num discurso sobre aquecimento global. No entanto, as crianças a representam de forma contundente em todas as cidades por onde passamos.



As crianças trazem o tema geológico como movimento catastrófico de grandes proporções acontecendo no interior da Terra ou vindo do espaço. Apontando para grandes mudanças, para outro modo de vida, para uma nova época que há de surgir na humanidade, caso ela sobreviva. Uma grande carga de dramaticidade está presente. O sentimento apocalíptico de que algo há de se revelar, de que as coisas irão se regenerar depois de uma grande destruição, denota um imaginário de pouca confiança na ação humana e a esperança de que a própria natureza resolva as coisas.

Há aí um elemento religioso, transcendente nessas imagens, pois confia a condução das coisas a uma força muito maior que o próprio homem. Há também um conhecimento intuitivo das crianças que certamente ganha impulso – influenciado por ficções científicas, convivências, conteúdos que ouvem e a que assistem, religiões familiares –, de que existem as épocas, as eras de transição onde a vida planetária necessita se mover, se reorganizar.

## ✕ 5.4 Drama ético

O tema ético envolveu uma parte significativa do acervo, diferentemente do que foi percebido na categoria “Drama Geológico”. Aqui, as crianças atribuem boa parte dos problemas da natureza e das cidades ao comportamento humano. Em relação à natureza, à vida na Terra, o pensamento das crianças se coaduna com o que os cientistas têm chamado de antropoceno. Uma era geológica em que o homem é contributivo das mudanças em grande escala das condições de vida, época em que os humanos substituíram a natureza como a força ambiental dominante na Terra. Inúmeras soluções e projetos das crianças vieram ao encontro do compromisso que, como humanidade, precisaríamos assumir para minimizar os impactos de nossas ações.

Muitas produções propõem uma ética radical de preservação da vida. Algumas crianças elaboraram imagens sobre os danos causados à vida, pelo estado de espírito das pessoas, levando em conta a ameaça ao planeta vinda do homem contra o próprio homem. Uma menina de São Paulo, de 12 anos, criou a “fábrica de fazer alegria” (Figura 9). Segundo a menina, a máquina “serve para pessoas que têm preconceito com gay, lésbicas e qualquer tipo, qualquer gênero”. E explica como funciona seu invento: “Primeiro, a pessoa é diminuída de tamanho com um aparelho. Depois, a pessoa entra num ambiente que joga tinta, glitter, cores. Depois, a pessoa é achatada, parecendo um papel. Depois, entra num tubo, por teletransporte ela entra no tubo. Depois, sai e volta ao tamanho normal sem preconceito... as pessoas não se colocam no lugar das outras”.



Ela afirma que esse é o problema que está acontecendo no planeta e que seu invento pode resolver a principal ameaça contra a vida. As pessoas poderão se colocar no lugar do outro. Uma tecnologia da alteridade, da empatia. Um invento de correção da vida. Um gesto ecológico radical que pode reordenar todo o comportamento humano e criar uma nova civilização. A ameaça à vida está na consciência humana. Ainda em estado de barbárie, sem reconhecer seu semelhante e a natureza, incorre no perigo de se autodestruir e de destruir tudo à sua volta. Uma fábrica da alegria, como antídoto à anestesia do sentir.

Um invento que se interessa pela percepção da dor do outro, mas também que se interessa pelo reconhecimento do potencial do outro, do lugar que lhe cabe ocupar, do espaço que lhe foi destinado na vida. Um gesto humanista. Um pequeno tratado de humildade. Antes de entrar na máquina, a pessoa é diminuída. Antigos mosteiros, especialmente os de ascese, tinham como entradas das celas pequenas portas. Para passar era necessário se curvar com os joelhos até quase o chão. Diminuir-se, fazer-se pequeno, colocar-se em um lugar menor, para que daí nasça uma percepção mais fraterna, igualitária, uníssona.

E prossegue a pessoa por dentro da máquina. Vem o banho com cores e a passagem por uma prensa, de onde sai fininha como um papel. A ideia da prensa também surge em diversas culturas religiosas de encantarias e mesmo em tradições iogues, em que o ego do iniciante é triturado, moído, macerado, aplainado ao longo de seu aprendizado. Só assim ele poderá reconhecer a verdadeira natureza das coisas, a profundidade e o sentido da vida, a essência humana como essência divina, a vida como matriz única para todas as formas de existência.

Outro exemplo é uma composição de um menino de Brasília, de 5 anos, o Pato Joinha (Figura 10). Ele diz: “Eu fiz um pato joinha que faz as pessoas ficarem felizes... algumas pessoas toda hora fica triste... coisas ruim... lembra de coisa ruim... eu toda hora lembro de uma coisa ruim... uma coisa triste... aí o pato joinha deixa as pessoas felizes”.



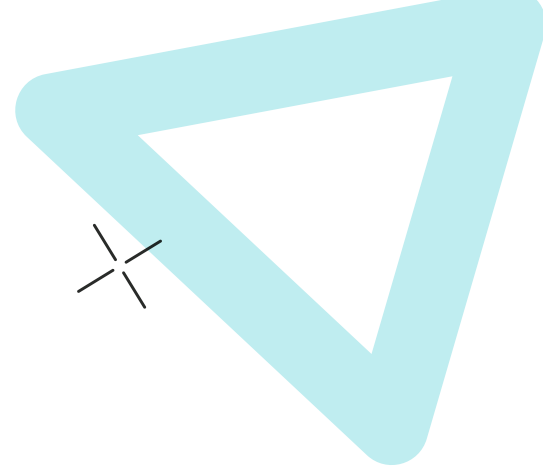
Para esse menino, o problema no planeta é da ordem da tristeza. Muitas coisas ruins certamente acontecendo no seu entorno trouxeram o

pato, que é um amigo muito simples, um pato, que não é um animal de grandes figurações heroicas no imaginário sobre animais. Uma criatura até considerada meio desastrada, porém engraçada. Singelo e com graça. Simples. Talvez seja essa a compreensão de vida para o menino, mas os adultos a tornam complicada, triste, pesada e difícil.

O símbolo do pato em muitas culturas tem diversos significados iniciáticos, de mudança, de transição, de ressurreição, inclusive. As revoadas de patos representam, especialmente no hemisfério norte, mas não só, tempos de mudanças, de grandes migrações, de nova estação.

A ideia de um ministério da felicidade talvez coubesse bem como um caminho de política pública nascida da imagem do Pato Joinha. Uma revisão ética das prioridades dos governos no mundo, tal como o indicador sistêmico Felicidade Interna Bruta (FIB), criado no Butão. A alegria como caminho de saúde e possibilidade de vida para os seres. A fonte para essa alegria, na alma da criança, está justamente na natureza, no pato. A saída para o problema que está acontecendo no planeta (a tristeza) não está num portentoso invento tecnológico, não vem diretamente do homem, nem de outras esferas planetárias. Vem do pato, que é legal, amigo, simples, singelo. Novamente a atitude de ver no outro, por menor que pareça, a saída para os dramas planetários.

Talvez esse patinho seja apenas uma expressão da criança sobre si mesma e seu estado emocional. E certamente tem aspectos disso. Mas é também sentimento coletivo, pois foi trazido por ele como uma percepção de que outros também sentem tristeza por diversos motivos.



## 6. Considerações finais

Nos cinco municípios onde realizaram-se as oficinas de escuta, Porto Alegre (Região Sul), São Paulo (Região Sudeste), Brasília (Região Centro-Oeste), Recife (Região Nordeste) e Boa Vista (Região Norte), pôde-se perceber um elemento comum: o imaginário do mundo natural e sensorial das crianças foi o mais representativo e presente nas produções. Mesmo quando esses temas não foram evocados. Diversas modelagens, desenhos e objetos recorrem a um pedido profundo advindo do corpo das crianças, da relação com animais, plantas, rios, montanhas, terra, aventura em terrenos desconhecidos, navegações oceânicas.

Sem receio, pode-se dizer que, quando se trata de compor imagens da natureza, o corpo das crianças vem à frente e fala de seus anseios mais estruturais. Portanto, é mais comum aparecerem imagens idílicas, de lugares imaginários, do que lugares reais com os quais elas convivem. No entanto, quando há um convívio efetivo com os espaços da natureza, as narrativas vêm inundadas de impressões despertadas pelo contato com esses lugares.

A maioria das imagens de brincadeiras ao ar livre são sonhos de um lugar ideal ou memória de algumas experiências de contato com ambientes naturais, mais do que propriamente convívio diário com espaços abertos, propícios ao movimento e ao brincar livre.



A água é uma recorrência nessas imagens de espaços de brincar ao ar livre. Diz respeito à fluidez, à possibilidade de dar vazão, de lavar, de revitalizar. A partir dos desenhos de brincar ao ar livre e na natureza, o elemento água insiste em se mostrar como o maior meio de expansão das crianças.

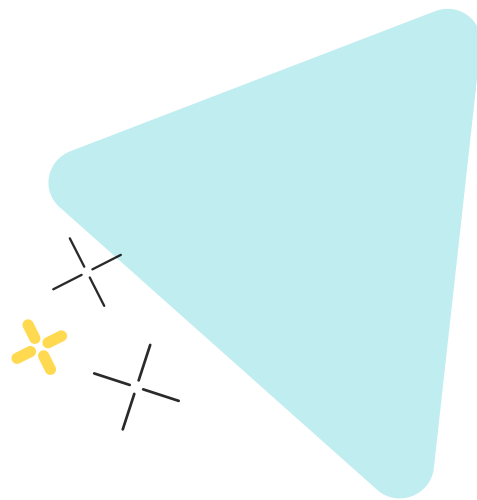
A tecnologia aparece também como potencial valorativo. É um arcabouço material, uma ferramenta de muitas possibilidades, com tanta agilidade em seu aprimoramento, com enorme capacidade de adaptabilidade, que facilmente se transforma num suporte mágico para as gerações que nasceram nesse imaginário cultural. Pode tudo. Se ainda não pode, logo poderá.

As crianças, nesse ambiente, outrora nunca vivido, de irrefreável dinamismo tecnológico, imprimem fortes representações de seus desejos mágicos, de suas possibilidades salvíficas, de seus sonhos heroicos nesse aparato de ferramentas sofisticadas capazes – no ideário ficcional – de onipresença, onipotência, onisciência. É um fértil terreno de valorações, de nascimento de sentidos. Como se verá, as soluções tecnológicas dadas pelas crianças nascem de um urgente senso de vida comunitária que elas têm percebido se esvaír.

Muitas ferramentas de agilidade e eficiência foram criadas para solucionar os problemas urbanos e dramas coletivos de grande escala. Um evidente sentimento de convívio caótico se expressa nos inventos das crianças. Em suas narrativas fica claro também um sentimento de urgência para a solução dos problemas.

De um lado, percebe-se a natureza como fonte de vida, de beleza de integração e desenvolvimento, por outro, os receios com os problemas ambientais complexos e graves, que já são sentidos pelas crianças e trarão grandes impactos às gerações presentes e futuras. A tecnologia e o acúmulo de conhecimento se apresentam como

possíveis aliados no enfrentamento dos problemas, mas que dependem necessariamente de uma mudança de valores e compromisso ético dos adultos em colocar a sustentabilidade do planeta e a vida das presentes e futuras gerações em primeiro lugar.



## Notas

1. LEITE, Ana Claudia e PIORSKI, Gandhi. 2019. **Escuta de Crianças: um método para escuta sensível da infância - Relatório Técnico**. Instituto Alana e Fundação Bernard Van Leer. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/10/escuta-de-criancas-relatorio-completo.pdf> [voltar para página]
2. O Instituto Alana é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que desenvolve programas e ações que buscam a garantia de condições para a vivência plena da infância. Criado em 1994, o Instituto Alana tem como missão *honrar a criança*, com o objetivo de dar visibilidade e efetividade ao artigo 227, da Constituição Federal – que estabelece a regra da absoluta prioridade dos direitos de crianças e adolescentes, os quais devem ser respeitados e garantidos em primeiro lugar, em uma responsabilidade compartilhada entre Estado, famílias e sociedade. Para saber mais: <https://alana.org.br/>. [voltar para página]
3. Criada há mais de 50 anos, a Fundação Bernard Van Leer é uma entidade privada que busca desenvolver e compartilhar o conhecimento de experiências que funcionam no desenvolvimento da primeira infância. Fornece-se apoio financeiro e expertise para parceiros de governos, sociedade civil e privada para ajudar no teste e ampliação de serviços que efetivamente melhorem a vida de crianças pequenas e de suas famílias. Para saber mais: <https://bernardvanleer.org/pt-br/>. [voltar para página]
4. A iniciativa Urban95, em nome dos bebês, crianças pequenas e cuidadores que raramente têm voz no planejamento urbano, nas estratégias de mobilidade e nos programas e serviços destinados a eles, busca responder a questão: Se você pudesse viver em uma cidade a partir de 95 cm – a altura de uma criança de 3 anos –, o que mudaria? Para saber mais: <https://bernardvanleer.org/pt-br/solutions/urban95-pt/>. [voltar para página]
5. Sumário executivo da pesquisa de escuta de crianças realizada por Ana Cláudia Leite e Gandhi Piorski em São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Recife (PE) e Boa Vista (RO) de 2018 a 2020. [voltar para página]

# Anexos

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

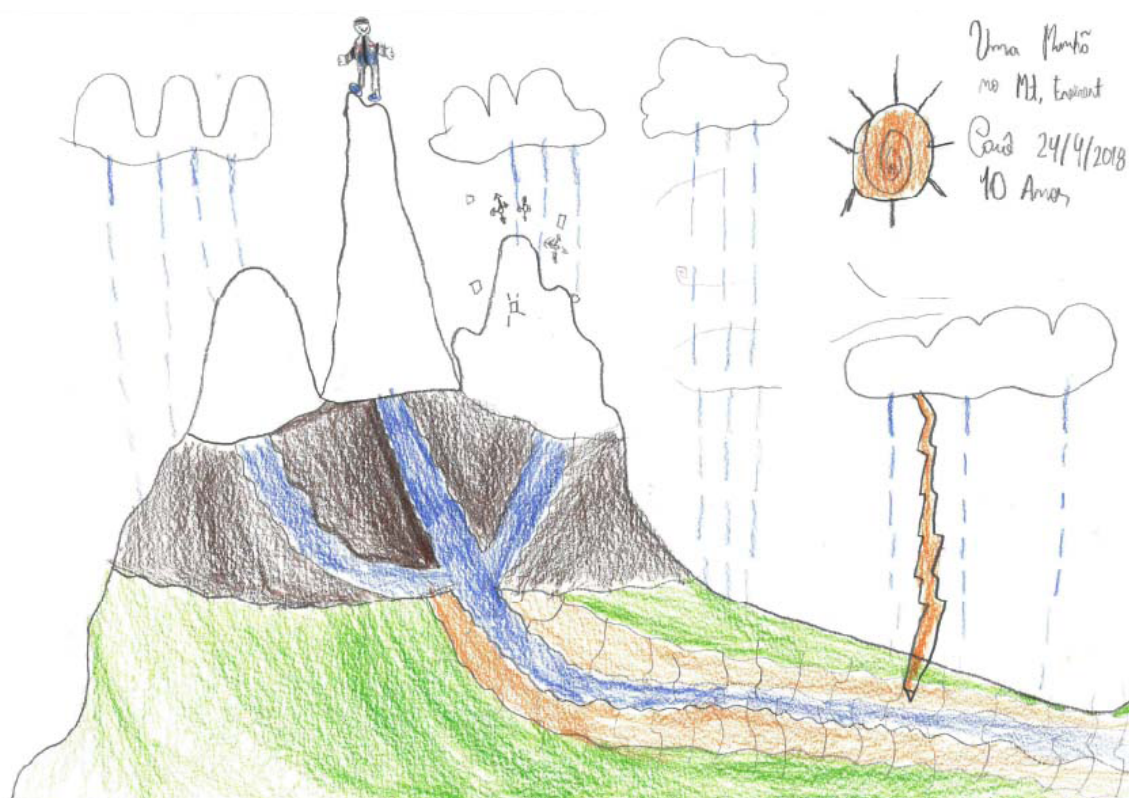


Figura 8



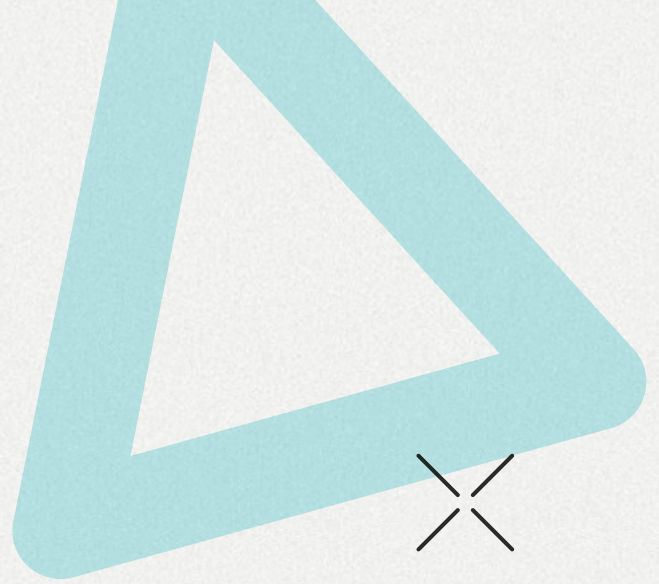
Figura 9





Figura 10





# ESCUTA DE CRIANÇAS SOBRE A NATUREZA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

SUMÁRIO EXECUTIVO DA PESQUISA DE ESCUTA DE CRIANÇAS REALIZADA POR ANA CLÁUDIA LEITE E GANDHY PIORSKI EM SÃO PAULO (SP), PORTO ALEGRE (RS), BRASÍLIA (DF), RECIFE (PE) E BOA VISTA (RO), DE 2018 A 2020.



<https://alana.org.br/>



<https://www.instagram.com/institutoalana/>